



miguilim

revista eletrônica do netlli
volume 1, número 1, dez. 2012

NÃO SE BEBE A ALMA: DESCAMINHOS DO CORPO ESTÉTICO EM “ELE ME BEBEU”, DE CLARICE LISPECTOR

Yasmine Moraes Alves de LACERDA (Netlli/URCA)
Edson Soares MARTINS (URCA)

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [OS AUTORES](#)
RECEBIDO EM 26/09/2012 • APROVADO EM 26/09/2012

Abstract

Clarice Lispector in the work *A Via Crucis do Corpo*, of 1974, the story “Ele me bebeu” along with beauty tips from a writer who ghost Clarice Lispector was among the 60 and 70, are here, the starting points for relate these columns feminine female daily with the constant quest for aesthetic perfection experienced by Aurelia central character of the story. The problematic issue in this work concerns the behavioral representation of women in society in the 70s. To this, the woman and feminist currents were called into question. This fusion: feminism linked to social, body, feminist notes written by Clarice and psychological disturbances consumption for a building of this aesthetic cliché emerges is the building of female identity, both behavioral and in its historicity.

Resumo

Clarice Lispector na obra *A Via Crucis do Corpo*, de 1974, no conto “Ele me Bebeu” junto com as dicas de beleza de uma *ghost writer* que Clarice Lispector foi entre os anos 60 e 70, são, aqui, os pontos de partida para relacionar o feminino dessas colunas femininas diárias com a constante busca pelo primor estético vivida por Aurélia, personagem central do conto. A questão problematizada neste trabalho diz respeito à representatividade comportamental da mulher em sociedade nos anos 70. Para isso, a mulher e as correntes feministas foram postas

em questão. Desta fusão: feminismo ligado ao social, corpo, notas feministas escritas por Clarice e perturbações psicológicas deste consumo para uma construção estética clichê, emerge-se a edificação da identidade feminina, tanto comportamental como em sua historicidade.



Entradas para indexação

KEYWORDS: Body. Female. Aesthetics. Clarice Lispector.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Feminino. Estética. Clarice Lispector.

Texto integral

INTRODUÇÃO

A questão problematizada neste trabalho diz respeito à representatividade comportamental da mulher em sociedade nos anos 70. Para isso, a mulher e as correntes feministas foram postas em questão. Sua identidade, a busca por autonomia e a infinita partida erradicada pelo primoroso na estética faz-se dramática e é questionada a partir de Aurélia Nascimento, enfatizada pelas notas feminista presentes nos livros *Correio Feminino* e *Só para mulheres*. No ato de ser bebida, a personagem Aurélia Nascimento leva-nos a apontar a neurose feminina e as doenças nervosas modernas que Sigmund Freud, tomado como referente teórico, ajuda-nos a questionar deste estudo.

Clarice Lispector, no conto *Ele me bebeu*, deposita na mulher (mulher em sua generalização) representada por Aurélia, a confusão pessoal induzida pela cultura e pelo social infligida diante do consumo. Observamos aqui o feminino e a perda de si mesmo (enquanto identidade própria, criada pela personalidade) no meio da perturbação pessoal causada por esta cultura consumista na qual Aurélia está inserida.

Em tal conto, o corpo é acometido em um ângulo no qual a marca negativa da beleza predomina. O narrador nos faz intuir como a crua casca, coberta por adereços plásticos, retém, inicialmente, toda a atenção de Aurélia Nascimento. Aurélia está radcada à beleza, atributo esse repleto de poder na sociedade, já que tal busca faz-se intimada. Esta beleza apodera-se da narração e encontra-se idealizada, construída e manipulada pelo consumo e pela busca do perfeito estético que não existe.

Desta fusão: feminismo ligado ao social, corpo, notas feministas escritas por Clarice e perturbações psicológicas deste consumo para uma construção estética clichê, emerge-se a construção da identidade feminina, tanto comportamental como em sua historicidade. Depois da máscara (maquiagem) e adornos vemos renascer em Aurélia uma nuance de paradigmas afiados para contestar, de bom grado, até onde se pode ir em busca da beleza.



“É, aconteceu mesmo” (LISPECTOR, 1998, p. 41). Assim começa o conto: com uma frase afirmativa que nos dá o primeiro indício de uma existência realista e crua no qual o livro *A Via Crucis do Corpo* transita. Realista porque é tendenciosa enquanto sinceridade nos fatos, já que os desejos e as perturbações dos personagens são postos à prova. Cru pelo corpo e seu arsenal de defeitos físicos e psicológicos retratados no livro em questão, especialmente em Aurélia Nascimento, personagem que discutiremos nas linhas que seguem. Na frase citada, existe a prévia da intensificação dos fatos que estão por vir no decorrer da narrativa. A autora toma a ficção para uma realidade que não é impossível de acontecer ou ter acontecido.

Os fatos se intensificam. Aurélia precisava do outro, outra coisa e outra pessoa, para ser ainda mais bonita. Um outro, o Serjoca, seu maquiador e amigo; a outra coisa, os seus adereços. A autora afirma a beleza da personagem e a reafirma, já que Aurélia já era linda sem seus seios postiços. Seus seios de verdade eram pontudos, mas eram bonitos. Seios postiços não eram pontudos. Seios fartos caberiam melhor em uma mulher “perfeita”:

Todas as vezes que Aurélia queria ficar linda ligava para Serjoca. Serjoca também era bonito. Era magro e alto. Ela se vestia bem, era caprichada. Usava lentes de contato. E seios postiços. Mas os seus mesmo eram lindos, pontudos. Só usava os postiços porque tinha pouco busto. Sua boca era botão de vermelha rosa. E os dentes grandes, brancos. (LISPECTOR, 1998, p. 41).

Aurélia tinha ainda um acentuado gosto pelo belo, para não dizer exagero ou sobrecarga. Na verdade, Aurélia se constrói a partir desta sociedade que impõe o que realmente se deve ser, ou fazer, ou como se deve vestir e como se comportar. É o que percebemos nesta passagem em que Aurélia, consumista de produtos de beleza, está “maquiladíssima” no jantar oferecido por Affonso, o homem grisalho pelo qual se interessa:

Viu a impaciência de Aurélia que batia com os pés na calçada. Interessante essa mulher, pensou Affonso. E quer carro. Dirigiu-se a ela: (...) – Eu lhe agradeceria muito, inclusive porque estou com dor no pé. Mas não disse que tinha calos. Escondeu o defeito. Estava maquiladíssima e olhou com desejo o homem. Serjoca muito calado. Afinal veio o chofer, desceu, abriu a porta do carro. Entraram os três. Ela na frente, ao lado do chofer, os dois atrás. Tirou discretamente o sapato e suspirou de alívio. (LISPECTOR, 1998, p. 42).

Nesta época, Clarice seguia deliberadamente, ou disfarçadamente, no que se diz “bom feminismo”. As revistas direcionadas ao público feminino, vinda a público no começo dos anos 20, embutiam a imagem feminina idealizada em atitudes peculiares, distintas e discretas da verdadeira mulher moderna, por assim dizer. O feminismo que aterrorizava seria o fato de a mulher envolver-se na política, por exemplo; fato este que vinha a ser o avesso do “apropriado” feminismo e do verdadeiro ideal feminista, nos termos de Ferreira (1995/1996, p. 159):

Diversos artigos de revistas destinadas ao público feminino, tais como *Eu Sei Tudo* e *A Cigarra* e de revistas de cultura como *Revista do Brasil*, *Kosmos*, etc., por outro lado manifestavam uma certa aprovação àquilo que identificavam como o feminismo ou, melhor dizendo, ao que era considerado pelos autores um bom feminismo: a mulher que estuda, a mulher que trabalha, a esportista, a mãe instruída, as mulheres que obtiveram direito ao voto e, uma vez eleitas proibiram o consumo de bebidas alcoólicas e fomentaram a caridade. A imagem da feminista ideal, segundo essas revistas, seria a mulher moderna; possibilitar à mulher tornar-se moderna, como já foi dito, deveria ser a meta do feminismo. Em contraposição ao bom feminismo, havia o mau feminismo, o feminismo das mulheres que se envolvem demais na política, alvo de críticas e sarcasmo, principalmente nas páginas de *Eu Sei Tudo*.

A Clarice jornalista defendia discretamente seu ideal feminista nas notas aqui mencionada. Uma mulher feminina e feminista era criada nos “entremeios” das suas notas publicadas em revistas: ser inteligente, independente, trabalhadora, mesmo sendo uma dona de casa, uma boa mãe e boa esposa.

3 MULHER, EXCENTRICIDADE, PECADO: A VIDA NÃO É CINEMA!

Aurélia queria ser cada vez mais bonita, conforme os padrões de beleza da época. O que ela parecia não saber é que tanta maquiagem e tantos adereços fantasiosos apagavam a sua verdade. Aurélia, com o seu exagero, passava dos limites do que era considerado normal. No texto “A excêntrica”, do livro *Só para mulheres*, Lispector (2008, p. 7) diz:

A vida não é cinema – e é muito mais difícil “usar” a excentricidade. A excentricidade é um desejo desesperado de agradar. O instinto das mulheres lhes informa “até onde podem ir” no desejo de agradar. Você já reparou o esforço enorme que a excentricidade exige de uma mulher? Quase um esforço físico de manter algo antinatural. No fim de algumas horas, vê-se no rosto da excêntrica o seu enorme cansaço, a sua vontade de voltar para casa... O que é excentricidade? De um modo geral, o exagero. Homens gostam de perfume? A excêntrica banha-se em

perfumes... Decote é bonito? Ela então se desnuda. Entrar com segurança numa sala é elegante? então vamos fazer entrada teatral. A naturalidade é agradável? então vamos “fingir” naturalidade confundindo-a com vulgaridade. Homens gostam de “companheirismo”? então vamos beber como um homem, dizer palavrões, e mostrar que estamos acima dessa coisa ridícula que é mulher educada. A excentricidade é um esforço que termina em tristeza.



Aqui vemos Clarice esclarecer que viver dentro de uma tela gigante seria fugir totalmente de todas as condições impostas pela sociedade quando a mulher, na sua própria vida, resolve viver como se estivesse sempre a interpretar e as comportar como uma atriz *holliwodiana*. Na nota “Me dá licença, minha senhora”, no *Correio Feminino*, Lispector esclarece sua posição sobre o cinema novo e ainda declara que, vez ou outra, é preciso fugir do real:

Raiva do cinema novo, por que não? E do outro também. (Só gosto de filmes de arte ou filmes de mistério, e, se possível, violentos, porque assim me aliviam a alma. Na verdade só o cinema me descansa a mente. Um de meus editores me disse que, para amenizar a tensão em que vive, vai diariamente ao cinema.) (LISPECTOR, 2006, p. 145).

Na excentricidade discutida por Clarice, há a negação absoluta do feminino. O que se vê é que Aurélia é aquela toda exagerada, toda fantasiosa e, por que não dizer, fatal, já que toda a excentricidade aniquiladora existente no mundo foi posta em Aurélia sem piedade pela autora. O mais importante, porém, é que Clarice não arranca a feminilidade de Aurélia e não a iguala a um homem. Outra ironia clariciana: suas dicas de beleza, bem-estar, moda e todas as demais dicas de comportamento direcionadas à mulher são um tanto manipuladas. Clarice cria em suas colunas um universo em que o homem deve ser “agradado”, mas jamais uma mulher pode e nem deve igualar-se a ele, já que os homens são excêntricos por natureza:

Muitas de vocês, leitoras, hão de conhecer esse tipo feminino, infelizmente hoje não tão raro quanto seria de desejar: a mulher de gestos exagerados, palavras livres e de atitudes deselegantes. Interpretando mal a independência da mulher moderna, ela fuma como um homem, em público, cruza as pernas com uma desenvoltura chocante, solta gargalhadas escandalosas, bebe com exagero, usa gíria de mau gosto, palavreado grosseiro quando não se desmoraliza repetindo palavrões. (...) A transformação causada pelos tempos, pela instrução, pela vida moderna, está mais na mentalidade, na cultura, nas idéias, em si, que nas exteriorizações ridículas de um feminismo coalho. A mulher continua mulher, motivo de encantamento e inspiração para o homem... Os homens

adoram a mulher bem feminina. [é só não confundir futilidade, denguiço e falta de personalidade com feminilidade. Cabe a ela refrescar o exagero, cuidar da harmonia e da delicadeza nos gestos, nas palavras, nas atitudes. (LISPECTOR, 2008, p. 21).



O exagero nunca é bem-vindo nos atos, ações, arrojados e pormenores endereçados às mulheres, pois o exagero é de todo masculino. Ser ou fazer-se exagerada é cair na armadilha destrutiva do desespero que sufoca a delicadeza. Na nota “Ser elegante”, do *Correio Feminino*, Clarice diz, sem maiores delongas, o desafio de não cair na emboscada do exagero:

Muitas mulheres confundem elegância com aparato e exagero (...). Chamar a atenção, acompanhar religiosamente todos os caprichos, por mais extravagantes da moda, ser exótica na escolha das jóias e dos complementos da *toilette*, isto é vulgaridade. A mulher realmente elegante não solta aos olhos de quem passa, não é acompanhada por comentários e alar irônico de sobranceiras dos que a encontram. (...). Tampouco os gastos excessivos representam elegância. Nem mesmo o alto preço de uma rica jóia dá *classe* a uma mulher, se essa jóia é vulgar, espalhafatosa, ou é usada em ocasiões impróprias ou com roupas em desacordo. (LISPECTOR, 2006, p. 23).

O exagero aqui é uma confusão de ideais, mas na nota “Vaidade Prejudicial”, em que as mulheres tibetanas usam tanta maquiagem, quase como máscaras, que em vez de bonitas, parecem bizarras e feias, Clarice apresenta mais um exemplo de excentricidade reprovada:

Contou um viajante inglês que visitou o Tibete, uma particularidade das mulheres que habitavam esse planalto da Ásia. Não lavavam o rosto. Nunca! Imagine só! Mas, em compensação, usam “maquillage”, um “maquillage” especial da região, formado de um creme escuro e mal cheiroso com o qual empastam o rosto diariamente, passando, todas as manhãs, uma camada nova sobre a anterior. Isso sucessivamente até que as feições praticamente desaparecem sob a máscara de camadas escuras. O resultado, naturalmente, é pavoroso! O viajante inglês, indagado sobre se achava bonitas ou feias essas mulheres de hábitos e vaidades tão... extravagantes, respondeu honestamente: “Não sei. Não se pode ver-lhes o rosto. O que se vê é uma máscara gretada, escura, repugnante, monstruosa.” Talvez que lá para seu povo isso represente beleza, sabe lá! (LISPECTOR, 2006, p. 89).

A verdadeira beleza na visão clariciana é a motivação da mulher independente no meio em que se encontra e, neste meio, ainda fazer-se bonita não

perdendo a naturalidade. Essa qualidade, qualquer mulher poderia possuir se assim se permitisse.

Então, como descrever Aurélia sem seus adereços plásticos? Como imaginar Aurélia a não ser maquilada? Enxergaremos um bom bocado de carne e nada mais? Claro que não imaginaremos uma mulher careca de seios minúsculos e de olhos opacos. Aurélia é uma figura bonita, mas não podemos enxergá-la sem seus apetrechos. Sua face encontrava-se sempre maquiada (mascarada).

Submissa à estética clichê da “verdadeira beleza” imposta nos anos 70, década na qual o livro foi escrito, Aurélia é escrava dos cosméticos e dos valores atribuídos ao bonito da época. Diz Clarice sobre Aurélia quando ela e seu amigo e maquiador Serjoca estavam prestes a encontrar Affonso, o homem galante de meia idade: “Mas antes de se encontrarem, Aurélia telefonou para Serjoca: precisava de maquiagem urgente. Ele foi à sua casa” (LISPECTOR, 1998, p. 43).

Essa submissão de Aurélia à vaidade não quer dizer que ela idolatra a sua própria silhueta. Ela não se comporta como narcisista, mas sim como uma escrava da vaidade. Aurélia precisava dos seus adereços para se sentir inteira.

A complexidade de Aurélia está ligada diretamente ao que ela tende a representar, cotidianamente, na sua imagem criada com esforço. O estético a alimenta e a supre. Se existe no ser de Aurélia alguma falta, no que diz respeito ao pessoal, a busca da perfeição física a distrai em todos os seus momentos.

4 DA MODERNIDADE E SEUS GOLES: DOENÇAS NEVORSA

O título do conto – “Ele me bebeu” – leva-nos a perceber que Aurélia Nascimento iria chegar a um fim de aniquilação. A autora caminha, durante a narrativa, pelo passado de um acontecido: “Serjoca era maquiador de mulheres. Aurélia era bonita...” (LISPECTOR, 1998, p. 41), até que o ápice do conto é relatado:

Então, enquanto era maquilada, pensou: Serjoca está me tirando o rosto. A impressão era a de que ele apagava seus traços: vazia, uma cara só de carne. Carne morena. Sentiu-se mal-estar, pediu licença e foi ao banheiro para se olhar ao espelho. Era isso mesmo que ela imaginara: Serjoca tinha anulado o seu rosto. Mesmo os ossos _ e tinha uma ossatura espetacular _ mesmo os ossos tinham desaparecido. Ele está me bebendo, pensou, ele vai me destruir. E é por causa de Affonso. (LISPECTOR, 1998, p. 43-44).

Ela foi apagada e ainda respira. Aurélia foi bebida, mas não permanece na condição de fazer-se sempre tomada. Engolida glote adentro, existe uma Aurélia apagada a almoçar com o homem interessado no outro homem. Em Aurélia, habitava a consciência de que a essência se perdera. O arremate do ser, de nome Aurélia, é o acordar e não enxergar sua face, que fora apagada, diante do espelho:

Foi ao espelho. Olhou-se profundamente. Mas ela não era mais nada. – Então – então de súbito deu uma bruta bofetada no lado esquerdo do rosto. Para se acordar. Ficou parada olhando-se. E, como se não bastasse, deu mais uma bofetada na cara. Para encontrar-se. (LISPECTOR, 1998, p. 44).

O que fazer para recuperar o que fora seu? A sua individualidade? Clarice, em uma de suas notas escritas para o *Diário da noite*, sob o pseudônimo de Ilka Soares, influenciada pela sua literatura fictícia e pela realidade social feminina, nos desvenda o mistério e a façanha de alguém não ter rosto e por isso, poder ser bebida. Em *Só para mulheres*, na nota intitulada “Quem não tem rosto” consta: Há mulheres de quem poderíamos dizer: não têm rosto. Na verdade, de tal modo a fisionomia está “submersa”, com traços indecisos e cores desbotadas, que lembra um quadro apenas esboçado e nunca terminado (LISPECTOR, 2008, p. 10).

Nessa nota, Clarice nos remete a concluir que o fato de ser bebida, metaforicamente, poderia mesmo acontecer. Aurélia não era mais do que uma vítima de doença nervosa moderna na qual a sociedade exige mais do que o indivíduo pode dar ou ser. Aurélia caminhara sempre para se encaixar na vivência do mundo em que a perfeição é exigida, pelo que é sempre imposto. Não pode ser real e palpável: a perfeição estética, por isso a modernidade aspira a doenças, agravo de uma sociedade que impõe o consumo e prega que “devemos ser melhores do que somos”. Segundo Freud, em *Moral Sexual Civilizada e Doença Moderna*:

Entre os danos acima atribuídos a essa moral sexual civilizada, os médicos terão notado a falta justamente daquele cuja significação examinaremos no presente artigo. Refiro-me ao aumento, imputável a essa moral, da doença nervosa moderna, isto é, da doença nervosa que se difunde rapidamente na sociedade contemporânea. Ocasionalmente, um desses pacientes nervosos chamará, ele próprio, a atenção do médico para o papel que o antagonismo existente entre a sua constituição e as exigências da civilização desempenhou na gênese de sua enfermidade, dizendo: “Em nossa família todos tornamo-nos neuróticos porque queríamos ser melhores do que, com nossa origem, somos capazes de ser.” (FREUD, 2006, p. 170).

Pode-se dizer que Aurélia ansiava desconcertantemente por algo que criara. Seu objeto de amor era a beleza que pendurava no seu corpo em um ritual diário. Quanto mais, melhor. No artigo *Loucos de Amor! Neuroses narcísicas, melancolia e erotização feminina*, Santos e Sartori (2007, p. 21) dizem:

Quanto mais, mais. Seu avesso é o enfadado, a depressão, a recusa de se alimentar, a drogadição e todos os transtornos alimentares que revelam um novo gosto: um amor infinito a um objeto que não

existe, que não se encontra à venda, e que se pode comprar, se opõe a paixão por um objeto que não existe, que não se poderá jamais encontrar no mercado. Quanto mais o procuram, menos o encontram.

Aurélia infinitamente bela, infinitamente mais bonita, a mais, cada vez mais. Está aí o erro, a neurose. Essa, é vítima de uma sociedade cultural que a “obriga” a um exato subsídio à mesma. Ainda em Freud, lemos:

Os neuróticos são uma classe de indivíduos que, por possuírem uma organização recalcitrante, apenas conseguem sob o influxo de exigências culturais efetuar uma supressão *aparente* de seus instintos, supressão essa que se torna cada vez mais falha. Portanto, eles só conseguem continuar a colaborar com as atividades culturais com um grande dispêndio de energia e às expensas de um empobrecimento interno, sendo às vezes obrigados a interromper sua colaboração e a adoecer. Aqueles que desejam ser mais nobres do que *suas* constituições lhes permitem, são vitimados pela neurose. Esses indivíduos teriam sido mais saudáveis se lhes fosse possível ser menos bons. (FREUD, 2006, p. 176-177).

O que restava a Aurélia era achar-se. Necessitava enxergar-se, reconstruir o que havia perdido dentro do vazio de si, rabiscar novamente os traços dos ossos que constituíam sua face, apagados pela desesperada insistência de se fazer perfeita. Aurélia Nascimento estava para renascer. E para renascer, segundo Freud, Aurélia passara pelo limiar onde se vive e se fenece. Esse foi o causador da modificação no ser pessoal para a própria confirmação de si e do outro. Em *O Problema Econômico do Masoquismo*, tem-se o processo de prazer da morte denominado *Nirvana*, para que se possa entrar na realidade devida:

Se nos preocupamos em acompanhar essa linha de pensamento, não é difícil imaginar a força que foi a fonte da modificação. Ela só pode ser o instinto de vida, a libido, que assim, lado a lado com o instinto de morte, apoderou-se de uma cota na regulação dos processos da vida. [...] O princípio de Nirvana expressa a tendência do instinto de morte; o princípio de prazer representa as exigências da libido, e a modificação do último princípio, o princípio de realidade, representa a influência do mundo externo. (FREUD, 2006, p. 178).

Para ressaltar a unidade dos fatos do conto analisado com a realidade de Clarice Lispector, no *Correio Feminino*, ela dá a receita em “*Acorde um rosto apagado*”:

Você saberia “criar”, sobre um rosto apagado, o seu verdadeiro rosto? Acordar a expressão? Sublinhar os traços? Pôr sal e graça numa fisionomia adormecida? Você sabe, por exemplo, acender um olhar adormecido, uma leve chama de vivacidade? Suponhamos que você seja alourada – ou, apesar de castanha, tenha aqueles olhos meio apagados que às vezes se vêem em loiras. Não é necessário carregar na maquiagem. Primeiro trabalho: sombreamento, destinado a definir, acentuar e sublinhar (sem sobrecarregar) a forma na pálpebra. Depois... (LISPECTOR, 2006, p. 10).

A verdadeira essência estaria por vir. E o que estava a um fio de emanar, incidiu: E realmente aconteceu: “No espelho viu enfim um rosto humano, triste, delicado. Era Aurélia Nascimento. Acabara de nascer. Nas-ci-men-to”. (LISPECTOR, 1998, p. 44). A busca desesperada de Aurélia pelo que não existe (o belo incontestável) faz com que ela duvide de si mesma. A morte e a vida encontravam-se no apagar da face e no resplandecer de uma “nova” Aurélia.

Diante dessas considerações, ultimemos que adécada de 70 teve grande relevância na história social tanto com o feminismo como também com o feminino acentuado pelo consumo unido, infelizmente, a todos os seus agravantes.

CONCLUSÃO

No conto, vemos uma Aurélia ir de bonita por si só a uma Aurélia enraizada em adornos, saturada de frivolidades e deslumbrantemente maquiada; de neurótica, perplexa a um ser de rosto apagado, de feições facilmente inertes e sujeita a ser bebida; para culminar em um ser que se perdeu no meio da catástrofe de consumo erradicada à busca incessante pelo primoroso.

No começo, vemos aquela que usa seu corpo como matéria prima para impor e alcançar o extremo da beleza ilusória exagerada de adereços. Nesse lapso, adentramos o labirinto da vontade insistente da personagem para alcançar o primoroso e nos deparamos com Clarice jornalista. Uma escritora escondida em pseudônimos que afirmava às mulheres: agradem seus maridos. Aquela que dizafiada que uma mulher nunca pode dar-se ao luxo de não fazer-se bonita. Nesta desenvoltura, defrontamo-nos com o mercado de cosméticos e o feminismo na década de 70. Com isso, vem o consumo, o que é imposto e o exagero diante dos fatos das ações da personagem Aurélia Nascimento.

Discutimos aqui o machismo e o feminismo. Deparamo-nos com uma Clarice Lispector a defender a feminilidade, a brechar a excentricidade, os exageros, a defender a boa educação, as sutilezas e as boas maneiras femininas nunca comparadas com o descompasso comportamental, comum nos homens.

A verdadeira beleza na visão clariciana é a motivação da mulher independente no meio em que se encontra; porém dramatiza-se a complexidade de Aurélia, ligada ao que ela tende a representar, cotidianamente, na sua imagem

criada com esforço. O estético é alimento e a abastece, e ela vai do exagero à paranoia, conforme interpretamos a partir do ponto de vista de Freud.

É, portanto, através de Sigmund Freud que terminamos por desvendar Aurélia, na sua estrutura de casca moldada pelo que é imposto pela cultura de consumo. A partir de então, o psicológico aflora e as perguntas intimadas ao ser no conto são reveladas e desmistificadas: da historicidade ao drama social feminino, nas últimas linhas do conto e aqui, existe um ser a gemer de interrogações e apuros.

Referências

FERREIRA, Verônica C. Entre Emancipadas e Quimeras – Imagem do feminismo no Brasil. *Caderno AEL*, n. 3/4, p. 155-200, 1995/1996.

FREUD, Sigmund. *Além do Princípio do Prazer, Psicologia de Grupo e outros Trabalhos (1920 – 1922)*. Rio de Janeiro: 2006. 289 p.

FREUD, Sigmund. *“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos (1906 – 1908)*. Rio de Janeiro: 2006. 259 p.

FREUD, Sigmund. *O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)*. Rio de Janeiro: 2006. 357 p.

LISPECTOR, Clarice. *A Via Crucis do Corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. 78 p.

LISPECTOR, Clarice. *Correio Feminino*. Organização: Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. 158 p.

LISPECTOR, Clarice. *Só para mulheres: conselhos, receitas e segredos*. Organização: Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. 158 p.

SANTOS, Tania Coelho dos. SARTORI, Ana Paula. Loucos de Amor! Neuroses narcísicas, melancolia e erotização feminina. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 39, p. 13-33, 2007.

Para citar este artigo

LACERDA, Yasmine Moraes Alves de; MARTINS, Edson Soares. Não se bebe a alma: descaminhos do corpo estético em “Ele me bebeu”, de Clarice Lispector. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 1, n. 1, p. 84-94, dez. 2012.

O autores

Yasmine Moraes Lacerda é graduada em Letras pela Universidade Regional do Cariri e pesquisadora do Núcleo de Estudos de Teoria Linguística e Literária (NETLLI-DGP/CNPq), Crato, Ceará, Brasil

Edson Soares Martins é professor adjunto da Universidade Regional do Cariri (URCA) e líder do Núcleo de Estudos de Teoria Linguística e Literária (NETLLI-DGP/CNPq), Crato, Ceará, Brasil.